

# **CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA E APRENDIZAGEM AUTORREGULADA: ALGUNS APONTAMENTOS**

DOMINGUES, Sílvia de Moraes  
Discente do curso de Neuroaprendizagem da Universidade Norte do Paraná – Unopar

KAULFUSS, Marco Aurélio  
Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

## **RESUMO**

O presente trabalho de revisão teve por objetivo levantar na literatura nacional estudos relativos à autoeficácia e aprendizagem autorregulada visando comparar seus resultados e conclusões nos últimos 10 anos. Considerando os textos encontrados, verificou-se que há poucos estudos que enfatizem as duas variáveis em conjunto ou estabeleçam correlação entre elas. De modo geral, estudos sobre autorregulação trazem alguns apontamentos sobre autoeficácia e vice-versa, mas nada que se constitua como significativo em termos correlacionais. Dada a amplitude e as possibilidades teóricas das duas temáticas, salienta-se a sua importância para a aprendizagem e a existência de um campo profícuo para futuros levantamentos correlacionais entre ambas.

Palavras chave: Autoeficácia, Aprendizagem Autorregulada

Tema central: Pedagogia

## **ABSTRACT**

The present review aimed at assessing the national literature studies about self-efficacy and self-regulated learning intending to compare their results and conclusions in last 10 years. Considering the found texts, there are studies that focus the two variables together or establish correlation between them. In general, studies about self-regulation bring some notes about self-efficacy and vice versa, but nothing that would constitute as significant in correlational terms. Considered the scale and the theoretical possibilities of two themes, it stands out the importance for learning and the existence of a fruitful field for future correlational surveys between them.

Keywords: Self-efficacy, Self-regulated Learning

## **1. INTRODUÇÃO**

Sabe-se que no cenário educacional os processos de ensino e aprendizagem não estão alicerçados unicamente em fatores de ordem cognitiva, muito embora seja esta a dimensão responsável pela estruturação do conhecimento, pela elaboração de pensamentos, enfim, por todo processamento informacional. Diversas variáveis influenciam o funcionamento cognitivo, sejam elas de ordem biológica, neurológica, social, psicológica entre outras, e conseqüentemente afetam o produto final do processo de escolarização.

Na sociedade atual, se considerarmos os apontamentos de diversos estudos, os objetivos da educação formal já ultrapassaram a mera transmissão de informações e visam a formação de um aprendiz autônomo, capaz de gerenciar seu

próprio processo de aprendizagem. Nesta perspectiva, conceitos como autoeficácia e aprendizagem autorregulada podem despontar como variáveis facilitadoras do processo educativo.

Partindo deste contexto, o presente trabalho de revisão de literatura desenvolve-se em torno da seguinte questão: Os estudos relativos à autoeficácia e aprendizagem autorregulada têm encontrado resultados significativos na realidade brasileira? Dada esta problemática tem-se por objetivo levantar na literatura nacional os estudos relativos à autoeficácia e aprendizagem autorregulada visando comparar seus resultados e conclusões nos últimos 10 anos.

A seguir apresentam-se, os principais achados da literatura encontrados, a discussão dos mesmos e por fim as conclusões.

## **2. A CRENÇA DE AUTOEFICÁCIA E APRENDIZAGEM AUTORREGULADA NO CONTEXTO DAS PESQUISAS BRASILEIRAS**

Afim de melhor se compreenderem as temáticas abordadas neste estudo, faz-se pertinente apresentar uma breve contextualização sobre estas, apontando sucintamente suas conceituações.

As crenças de autoeficácia referem-se aos autojulgamentos que o sujeito possui acerca de suas capacidades para realizar certas ações a fim de alcançar determinados objetivos, é “um julgamento da capacidade pessoal” (BANDURA, 2008). Costa e Boruchovitch (2006) exprimem que a autoeficácia define-se como o julgamento que se faz acerca da própria capacidade para cumprir determinada tarefa, assim como em acessar os processos cognitivos e ter controle sobre as situações oriundas do meio social.

Pode-se dizer, então, que as crenças de autoeficácia referem-se à crença do indivíduo de que ele pode realizar determinada ação e ser bem sucedido. Não se refere ao fato de o mesmo ter a capacidade ou não, mas de acreditar que a possui. Tais crenças formam-se por meio dos processos cognitivos, afetivos, motivacionais e de seleção e desenvolvem-se por meio de diferentes mecanismos ou fontes.

Souza (2006) entende que as crenças de autoeficácia influem na ação dos indivíduos, bem como nos processos cognitivos e na motivação. Costa e Boruchovitch (2006) apontam que a autoeficácia ou crenças de autoeficácia originam-se de quatro fontes principais, sendo elas: as experiências pessoais ou de

êxito, as experiências vicárias, a persuasão verbal ou social e os indicadores fisiológicos.

Quanto à autorregulação, esta diz respeito a “um processo consciente e voluntário de governo, pelo qual se possibilita a gerência dos próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos ciclicamente voltados e adaptados para obtenção de metas pessoais” (POLYDORO e AZZI, 2009). Já Simão e Frison (2013) apontam que a autorregulação envolve diversas dimensões como o contexto, o comportamento, a motivação, a cognição e a metacognição, além de requerer processos de autorreação, automonitoração e autoavaliação. Em outras palavras, “trata-se de um fenômeno multifacetado que opera por meio de processos cognitivos subsidiários, incluindo automonitoramento, julgamentos autoavaliativos e autorreações” (BANDURA, 1991 apud POLYDORO & AZZI, 2009).

Neste contexto Zimmerman (2000 apud Polydoro e Azzi, 2009) entende que “a aprendizagem autorregulada refere a pensamentos, sentimentos e ações autogeradas que são planejadas e ciclicamente adaptadas para realização de metas pessoais” (p. 14). Conforme Sampaio, Polydoro e Rosário (2012) alguns estudos apontam que a autorregulação vem adquirindo espaço nos debates sobre a aprendizagem no âmbito acadêmico e escolar, sendo que diversas abordagens buscam compreender e explicar este fenômeno e embora haja pontos discordantes entre elas “há um consenso de que a autorregulação da aprendizagem se trata do grau em que os estudantes ativam metacognitiva, motivacional e comportamentalmente seu próprio processo de aprendizagem” (SAMPAIO; POLYDORO & ROSÁRIO, 2012).

Segundo Castro (2007) o conceito de autorregulação ou aprendizagem autorregulada é delineado na perspectiva da sociocognitiva e refere-se a sentimentos, pensamentos e ações gerados pelos sujeitos, os quais são planejados e adaptados sistematicamente segundo uma necessidade de modo que exerçam influência sobre a própria motivação e aprendizagem. Em síntese, a autorregulação consiste em “um processo activo em que os sujeitos estabelecem os objectivos que norteiam a sua aprendizagem, tentando monitorizar, regular e controlar as suas cognições, motivação e comportamento com o intuito de o alcançar” (ROSÁRIO, 2004, p. 37 apud CASTRO, 2007).

Ainda conforme Castro (2007) a autorregulação além de requerer que o indivíduo participe ativamente, é um processo complexo e cíclico que depende

consideravelmente da detenção de crenças de autoeficácia positivas para aprender por parte do indivíduo. Assim, “a aprendizagem só pode ser considerada autorregulada, se envolver o uso de estratégias específicas para se alcançar objetivos, nomeadamente, académicos, tendo como base as percepções de auto-eficácia” (CASTRO, 2007).

Dadas estas considerações entende-se que há relações significativas entre as crenças de autoeficácia e a aprendizagem autorregulada. Sendo assim, segue a descrição de alguns estudos que exploram estas duas variáveis conjuntamente.

Realizou-se inicialmente uma busca geral de artigos com as palavras chaves autoeficácia e autorregulação nas bases eletrônicas Google Acadêmico, Scielo e Biblioteca Digital da Unicamp, dos quais foram escolhidos os que abordassem as temáticas da autoeficácia e da aprendizagem autorregulada em conjunto.

Dos textos encontrados foram selecionados para a análise os que se situavam em um intervalo de tempo de 10 anos (de 2005 a 2015) e que provinham do contexto nacional, o que veio a limitar o número de trabalhos a serem examinados. Assim, foram selecionados e analisados 4 artigos nos quais se compararam os métodos de pesquisa e as principais conclusões, sendo que um deles baseou-se em investigação empírica e três em revisão de literatura como pode-se constatar a seguir.

Baseando-se na Teoria Social Cognitiva (TSC) Brito e Souza (2015) realizaram um estudo objetivando verificar a existência de relações entre as crenças de autoeficácia e o desempenho na solução de problemas matemáticos, bem como analisar as correlações entre os instrumentos e avaliar o autoconceito matemático e a autoeficácia para a aprendizagem autorregulada. A pesquisa foi realizada com 131 alunos (sendo 72 do gênero masculino e 59 do gênero feminino) matriculados na quinta série de uma escola privada localizada em um grande centro urbano da região sudeste. Para a coleta de dados, as pesquisadoras utilizaram os instrumentos: escala de autoeficácia para aprendizagem autorregulada, escala de autoconceito, escala de autoeficácia matemática, escala de importância da Matemática, e um instrumento de autoeficácia matemática.

A partir da análise dos dados encontrados constatou-se que tanto a autoeficácia matemática quanto a autoeficácia para a autorregulação estavam relacionadas ao desempenho frente a situações de resolução de problemas. Conforme as autoras, estes resultados trazem implicações para o processo de

ensino e aprendizagem, que deve “compreender, além do desenvolvimento de habilidades, a construção de autopercepções favoráveis do estudante” (BRITO e SOUZA, 2015).

Com o intuito de apresentar e discutir a aprendizagem autorregulada como tema de investigação na área educativa e tendo como referência os pressupostos da Teoria Social Cognitiva, Polydoro e Azzi (2009) desenvolveram um trabalho teórico onde descrevem, com base em vários estudos, o desenvolvimento dessa área de pesquisa (no caso a autorregulação da aprendizagem) bem como alguns modelos de aprendizagem autorregulada. Embora o referido trabalho não tenha intenção de correlacionar a aprendizagem autorregulada e/ou autorregulação ao construto de autoeficácia, as autoras trazem alguns apontamentos relevantes relacionando estas variáveis.

Referindo-se a estudos realizados por Zimmerman em 2000 e 2002, Polydoro e Azzi (2009) apontam que o desenvolvimento da autorregulação acontece gradualmente e não é um processo isolado, envolve as condições ambientais facilitadoras, apoio social, uso de estratégias cognitivas e metacognitivas e de autorreforçamento, bem como está associada também ao julgamento pessoal de capacidade. Dentre estas relações as autoras destacam a reciprocidade da autorregulação com a crença de autoeficácia. Para as pesquisadoras:

“a autoeficácia interfere na autorregulação porque está associada à antecipação, seleção e preparação para a ação. As crenças de autoeficácia influenciam quais padrões de autorregulação serão adotados pela pessoa, o tipo de escolhas diante das decisões necessárias e o nível de esforço a ser investido em determinada meta(...). E, de modo recíproco, a autorregulação influencia a crença de autoeficácia ao fornecer informações sobre o desempenho, esforço e tempo despendido na realização da atividade, participando de sua construção (POLYDORO & AZZI, 2009, p. 77).

Considerando o papel da autoeficácia na autorregulação eficaz da aprendizagem, Polydoro e Azzi (2009) apontam um trabalho realizado por Schunk e Ertmer (2000) em que buscaram analisar estudos que investigavam a relação entre estes construtos. Encontrou-se em todos os trabalhos analisados resultados positivos em termos de reciprocidade entre autorregulação e autoeficácia.

Para Souza (2010) o estudo sobre aprendizagem autorregulada na perspectiva sociocognitiva integra fatores afetivos, cognitivos, motivacionais e metacognitivos, sendo que as estratégias de aprendizagem é o construto mais investigado nessa área. Partindo deste pressuposto a autora realizou um trabalho teórico com o objetivo de discutir as relações entre as estratégias de aprendizagem

e algumas variáveis motivacionais relacionadas, dentre elas a autoeficácia. De modo geral a autora descreve sucintamente as estratégias de aprendizagem, as variáveis motivacionais (metas de realização, autoeficácia e valor da tarefa) e as implicações.

Conforme os resultados encontrados nas pesquisas analisadas, Souza (2010) aponta que “algumas crenças motivacionais (...) ajudam a promover e sustentar a aprendizagem autorregulada”, sendo que há estudos que evidenciam a influência da autoeficácia sobre a autorregulação da aprendizagem. Para a autora, a promoção da aprendizagem autorregulada demanda que o aluno conheça um bom repertório de estratégias e tenha disposição para utilizá-las, além de sentir-se confiante de que poderá obter bons resultados na aprendizagem. Para que isso de fato aconteça, a autora salienta a necessidade de se ensinar estratégias e promover as crenças motivacionais (metas de realização, autoeficácia e valor da tarefa).

Com base nos pressupostos da Teoria Social Cognitiva Masotti (2014) realizou um trabalho de revisão cujo objetivo era investigar conceitos referentes à autoeficácia e à autorregulação acadêmica tendo por finalidade verificar se tais fatores contribuiriam para prever a evasão escolar. Conforme o autor, foi possível constatar que tanto a autorregulação acadêmica quanto a autoeficácia são variáveis significativas e teoricamente constituem-se em importantes preditores para a evasão. Em linhas gerais, baseando-se nas informações analisadas o autor aponta “a relevância da autoeficácia no contexto acadêmico, bem como a importância do construto para os processos de autorregulação dos estudantes” (p 11) e salienta que estas variáveis estão relacionadas à definição de metas, ao monitoramento do desempenho e à avaliação dos resultados para a tomada de decisão por parte do sujeito.

Masotti (2014) aponta que há correlação entre os constructos de autoeficácia e autorregulação, uma vez que a autoeficácia representa a confiabilidade do aluno em manter-se comprometido e produzindo comportamentos com a finalidade de alcançar os objetivos. Deste modo, o discente apresenta algumas reações frente aos obstáculos e assim influencia o processo autorregulatório que se baseia nas escolhas de determinados padrões de comportamento. Neste contexto, “a autorregulação acadêmica, ao ser desempenhada de maneira bem sucedida pelo aluno, será útil, servindo como uma importante fonte para a autoeficácia” (MASOTTI, 2014).

A partir dos textos analisados é possível verificar que de modo geral os autores apontam que há relação entre os constructos de autoeficácia e autorregulação, embora não tenham estabelecido como objetivo correlacionar tais variáveis. Assim, constata-se que não há trabalhos que correlacionam especificamente os termos autoeficácia e aprendizagem autorregulada na literatura nacional (considerando a busca em bases eletrônicas e o período em que estes trabalhos foram efetuados, o que possivelmente tenha limitado os resultados).

Como visto em Brito e Souza (2015), o objetivo foi verificar a existência de relações entre as crenças de autoeficácia e o desempenho na solução de problemas matemáticos, bem como analisar as correlações entre os instrumentos e avaliar o autoconceito matemático e a autoeficácia para a aprendizagem autorregulada. Assim, entende-se que o foco do estudo volta-se para a autoeficácia e a matemática.

No trabalho de Polydoro e Azzi (2009) a ênfase estava em descrever modelos de aprendizagem autorregulada. Considerando a linha teórica da Teoria Social Cognitiva, as autoras descrevem as relações entre autoeficácia e autorregulação, visto que ambas as variáveis constituem-se essenciais para agência humana que constitui em um dos pilares da TSC. Assim, embora sem intenção específica de correlacionar a aprendizagem autorregulada e/ou autorregulação ao constructo de autoeficácia, as autoras apontam algumas relações entre estas variáveis.

Já no estudo de Souza (2010) a ênfase está nas estratégias de aprendizagem (proveniente da autorregulação) e variáveis motivacionais (entre as quais, a autoeficácia). Neste trabalho as relações estabelecidas entre as variáveis também não são intencionais.

Embora também não tenha por objetivo correlacionar as variáveis citadas, o estudo de Masotti (2014) é o que mais se aproxima disso, uma vez que o autor associa a autoeficácia ao estabelecimento de comportamentos facilitadores da autorregulação e os resultados da autorregulação ao fortalecimento das crenças de autoeficácia.

### **3. CONCLUSÕES**

Conforme o exposto e os pressupostos teóricos da Teoria Social Cognitiva, as relações entre autoeficácia e autorregulação são bastante significativas, o que justificaria o interesse em investigações correlacionais sobre estas variáveis.

Partindo da investigação feita e dos principais achados da literatura percebe-se que de modo geral os estudos estabelecem algumas relações entre os construtos de autoeficácia e aprendizagem autorregulada. Entretanto não há trabalhos que se preocupem especificamente em estabelecer correlações entre estes conceitos.

Considerando que tanto a autoeficácia quanto a autorregulação são fatores que influenciam o comportamento dos indivíduos frente a situações de desempenho e, conseqüentemente, podem interferir no processo de aprendizagem e que não há um número significativo de estudos na literatura nacional sobre estas temáticas em conjunto, entende-se que há uma necessidade de se empreender mais investigações sobre este assunto.

#### 4. REFERÊNCIAS

BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S.A.J. (Org.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-41.

BRITO, M. R. F.; SOUZA, L. F. N. I. Autoeficácia na solução de problemas matemáticos e variáveis relacionadas. **Temas em Psicologia**. Vol. 23, nº 1. P. 29-47. 2015.

CASTRO, M. A. S. N. **Processos de auto-regulação da aprendizagem: impacto de variáveis acadêmicas e sociais**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Minho, 2007.

COSTA, E. R.; BORUCHOVITCH, E. A auto-eficácia e a motivação para aprender. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs). **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas - SP: Alínea, 2006.

MASOTTI, D. R. Autoeficácia e autorregulação acadêmica contribuindo para a previsão da evasão escolar. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.2, 2014.

POLYDORO, S. S. J.; AZZI, R. G. Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da teoria sociocognitiva: introduzindo modelos de investigação e intervenção. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 29, 2º sem. de 2009.

SAMPAIO, R.K.N.; POLYDORO, S. A. J.; ROSÁRIO, P. S. L. F. Autorregulação da aprendizagem e a procrastinação acadêmica em estudantes universitários. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, 2012.

SIMÃO, A. M. V.; FRISON, L. M. B. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, 2013.

SOUZA, L. F. N. I. Crenças de auto-eficácia matemática. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs). **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas - SP: Alínea, 2006

SOUZA, L. F. N. I. Estratégias de aprendizagem e fatores motivacionais relacionados. **Educar**. Curitiba, nº 36, p. 95-107, 2010.